Ano XI — Lisboa, Fevereiro de 1956 — N.º 130

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES:
Red. 636607 — Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

PARA TI, ESCOTEIRO,

UM ESCLARECIMENTO



Porque estás no teu Grupo há pouco tempo ainda, talvez julgues que no Movimento Escoteiro és uma figura apagada, sem valor, a quem cumpre apenas seguir obedientemente as ordens que te forem transmitidas. Se assim pensas, estás errado, meu caro Escoteiro. Tu, que és um rapaz com dezena e meia de anos de idade, és uma das principais figuras do Escotismo e estás no teu Grupo e no Movimento por direito próprio. Foi para ti que o Escotismo foi criado e os teus Chefes encontram-se no Movimento apenas para te ajudarem a caminhar na senda escoteira, indicando-te o rumo a seguir.

Feito este esclarecimento, certamente, sentirás mais alegria em participar nas actividades da tua unidade escoteira e, talvez mesmo, da própria Associação. Mas, não há privilégio que não implique imediatamente responsabilidade. Se o Movimento inegàvelmente te pertence, se estás no Grupo por direito próprio, sem favor de ninguém, implicitamente cumpre-te trabalhar pela tua unidade, empregar todo o esforço para que a tua Patrulha seja uma brilhante equipa de rapazes escoteiros, que têm um ideal, um lema, e querem servir o Escotismo, porque esse é o seu dever.

Depois de teres a certeza de que o Escotismo te pertence, não mais poderás ficar inactivo, aguardando que o teu Chefe te indique o trabalho a fazer. O Movimento é teu e, portanto, é necessário abrir caminho e procurar desenvolver a tua Patrulha, imaginando novas aventuras, novos jogos, constantes Boas Acções. O Chefe está pronto a ajudar-te, mas cumpre-te tomar a iniciativa, procurá-lo, pedir o seu conselho, ouvir a sua opinião, mas, depois, deves lançar-te ao trabalho com entusiasmo constante, sem esperares que ele faça aquilo que deves ser tu a realizar.

És uma das principais figuras do Movimento, portanto, tens de honrar com o teu exemplo pessoal as fileiras a que pertences. Na Escola, serás o melhor aluno; na oficina, o mais hábil artista; no escritório, o mais zeloso funcionário; na família, o filho *sempre pronto.*

Hoje, na Patrulha, és secretário — ou, talvez, guarda-de-material. Desempenharás o teu cargo com a maior prontidão e zelo, para ganhar treino e experiência, porque queres vir a ser Guia, e só conseguirás ser um bom Guia se hoje fores um óptimo escoteiro.

Deves pois sentir-te honrado por possuíres um Movimento que se espalha por tantas nações da terra. Envergas um vistoso uniforme que é usado por milhões de rapazes, uns simples e modestos como tu, outros provenientes de famílias ilustres, príncipes e nobres, mas nenhum deles, porém, com mais direito do que tu à posse do Escotismo. Pensa nesta afirmação que hoje o teu jornal — o «Sempre Pronto» — te faz. E nunca mais permitas que seja assinalada a tua falta no Grupo. Serás a partir de hoje um escoteiro dedicado e activo, para que amanhã possas ser um Guia que conduzirá com fé e entusiasmo uma grande Patrulha, que deixará um notável nome para outros rapazes, que, como tu, hão-de vir a possuir o Escotismo.

«Boa Caça» — meu rapaz!

«Amar e servir fielmente a Deus e a Pátria»

É O TEMA DA

II REUNIÃO-GERAL DE ESCOTEIROS-CHEFES EVANGÉLICOS,

que se realizará em Lisboa, de 22 a 26 de Fevereiro corrente

Na Sede da Juventude Evangélica Portuguesa, na Avenida de D. Carlos I, 35 — 3.º dt.º, vai realizar-se a II Reunião-Geral de Escoteiros-Chefes Evangélicos, na qual tomarão parte dirigentes do Escotismo e do Guidismo nacional, estudando problemas respeitantes ao nosso Movimento nas suas relações com as Igrejas.

99.º Aniversário de Baden-Powell

Comemorando este aniversário, internacionalmente designado, por iniciativa das Guias, como o «Dia do Pensamento», efectua-se no salão nobre daquela colectividade uma sessão pública para inauguração dos trabalhos, na qual será conferente o sr. Joel Ribeiro, nosso redactor principal, que versará o sugestivo tema «O Pensamento de Baden-Powell».

Para o acto são convidados os antigos escoteiros e dirigentes de todos grupos de escoteiros de Lisboa.

Sessões de trabalho

As sessões de trabalho serão realizadas nos dias 24 e 25, sendo apresentadas e discutidas as teses seguintes:

«O Escotismo como uma comunidade de Juventude na Igreja», pelo Chefe Samuel Vieira. «O que o Escotismo espera da Igreja», pelo chefe Capitolino de Macedo. «O Ministério do Escoteiro-Chefe», pelo director do nosso jornal. «O Lobitismo e a sua influência na Escola Dominical», pela Chefe prof.ª D. Maria Aida Morais de Almeida. «O Escotismo dos Grupos Evangélicos perante o Movimento Escotista Português», pelo Chefe Armando Lino. «O Teatro Escotista — seu valor como elemento educativo», pelo sr. António Gonçalves. Estudo Bíblico sobre a natureza e função da Igreja, pelo licenciado de teologia sr. José Luís Carreiro Jr.

Uma boa acção colectiva

No Domingo, dia 26, às 15 horas, os grupos de Lisboa dos Escoteiros e das Guias levarão ao Rossio ofertas individuais, de todos os seus componentes, de milho para os pombos. Como

(Conclui na 2.ª página)

Uma patrulha de Escoteiros dinamarqueses descobriu uma tenebrosa quadrilha

Uma patrulha de escoteiros da Dinamarca, segundo notícia a imprensa, acaba de fazer prova do seu elevado espírito de observação, força de vontade e inteligência.

Um dia, numa das suas actividades, a patrulha reparou que um homem entregava a outro, furtivamente, um sobrescrito branco, numa atitude que lhes pareceu muito suspeita. Imediatamente, o Guia convocou o conselho de patrulha e ficou resolvido que os suspeitos seriam rigorosamente vigiados. Todos tomaram o compromisso de guardar rigoroso sigilo do caso, que constituiria «segredo de patrulha».

A patrulha pôs, então, em jogo toda a sua habilidade escotista. Observar sem ser visto, levantamento de croquis. Os escoteiros fizeram fotografias sem serem notados, fixaram nomes, números de automóveis, fisionomias, investigaram residências, ocupações de certos indivíduos e, através de um trabalho perseverante e corajoso, apenas em três semanas, conseguiram descobrir os nomes de cinquenta homens e mulheres que faziam parte de uma quadrilha que se dedicava ao criminoso contrabando e tráfego de estupefacientes, sabiam quem eles eram e até os lugares onde reuniam secretamente, tendo conseguido fotografar o chefe da quadrilha.

Terminada a investigação, a patrulha apresentou-se no gabinete do director da Polícia de Copenhaga, onde entregou o processo devidamente documentado, afirmando que se tratava de um caso muito importante e grave.

Apesar das afirmações dos rapazes, a Polícia não ligou grande importância ao caso, que considerou fruto da imaginação juvenil, emocionada por filmes e livros de aventuras.

A patrulha, porém, não estava disposta a ver desperdiçado o fruto do seu engenho e esforço, pelo que voltou nos dias seguintes a insistir junto da Polícia sobre a importância da descoberta, até que um dos Polícias, por distração, durante as horas mortas do seu «piquete», começou a desfolhar o processso apresentado pelos Escoteiros. Qual não foi, porém, o seu espanto quando verificou que a patrulha havia descoberto a pista de uma poderosa quadrilha de traficantes de estupefacientes. A Polícia dinamarquesa não teve mais do que se orientar pelas informações fornecidas e prendeu, sem dificuldade, o chefe do bando e muitos dos quadrilheiros, enquanto no estrangeiro a «Interpol», organização internacional da Polícia, procura deitar a mão a outros cúmplices.

II REUNIÃO-GERAL DE ESCOTEIROS-CHEFES EVANGÉLICOS

(*Conclusão da 1.ª página*)

esta Boa Acção é a resposta a um apelo público da União Zoófila, serão convidados os representantes desta colectividade para assistirem ao acto e receberem o milho que exceder as necessidades imediatas dos pombos.

Serviço religioso para dedicação da Companhia de Guias «Filipa de Vilhena»

Às 16 horas desse mesmo dia, na rua de Febo Moniz, na Igreja Evangélica Presbiteriana Lisbonense, realizar-se-á um serviço religioso para dedicação e inauguração do Grupo de Guias daquela Igreja.

Presidirá o pastor daquela Igreja, Rev. Carlos Augusto de Vasconcelos, e fará o sermão alusivo ao acto o licenciado de teologia sr. Saul de Sousa.

A chefe do novo grupo, sr.ª D. Sara d'Oliveira Serra, ratificará o seu Compromisso de Honra, e a subchefe D. Maria Hermínia Pinto prestará o Compromisso, bem como as novas guias.

Ao acto assistem os grupos de escoteiros da capital e o Grupo de Guias «Rainha D. Leonor».

Jantar de confraternização

No Domingo, às 19 horas, todos os membros desta Reunião-Geral terão em conjunto um jantar, que servirá para uma mais íntima confraternização e que será servido por guias dos Grupos «Rainha D. Leonor» e «Filipa de Vilhena». Após o jantar, serão encerrados os trabalhos desta II Reunião-Geral.

* * *

Podem inscrever-se para tomar parte nesta Conferência todos os dirigentes escoteiros e pastores evangélicos que o quiserem fazer, e ainda os Escoteiros ou Guias com mais de 18 anos de idade, desde que sejam recomendados pelos respectivos chefes de grupo.

Foram enviados convites às seguintes instituições para se fazerem representar nos trabalhos da Conferência: Sínodo da Igreja Lusitana, Sínodo Nacional da Igreja Presbiteriana de Portugal, Federação da Juventude Cristã Presbiteriana, Juventude Evangélica Portuguesa e Associação dos Escoteiros de Portugal.

• o •

A revista «WORLD SCOUTING» e o «Sempre Pronto»

O órgão mundial do Escotismo, no seu número de Janeiro p. p., publicou na íntegra e em língua portuguesa a referência publicada no «Sempre Pronto» de Novembro passado, acerca da visita do sr. Presidente da República à Inglaterra.

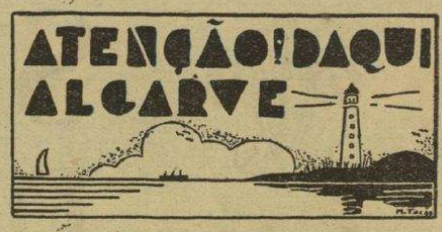
Agradecemos a gentileza.

• • o • •

Transcrições do «Sempre Pronto»

VIDA SÃ

Este Boletim da Sociedade Portuguesa de Naturologia, empenhado na tão justa campanha contra o cruel *desporto* do tiro aos pombos, transcreveu, num dos seus últimos números, um eco, sobre este mesmo assunto, publicado há algum tempo nestas colunas. Agradecemos.



Grupo n.º 60 — Vila Real de St.º António

Na noite de 31 de Dezembro, realizou-se na Sede do Grupo a tradicional festa de passagem do ano.

Procedeu-se à entrega de distintivos e prémios às Patrulhas e Escoteiros e ao Compromisso de Honra dos aspirantes João de Brito Baptista, que ingressou na Patrulha "Poupa„, e António Gomes Néné, que ingressou na «Lobo», Foi servido um chá, acompanhado de doces e "fritos„, e a festa terminou à uma hora do novo ano.

A Patrulha «Poupa» venceu o último trimestre do «Trofeu Grupo n.º 60», classificando-se a «Lobo» em segundo lugar, e a «Águia» em terceiro.

O Grupo associou-se ao Cortejo de Oferendas realizado em 8 de Janeiro, em benefício do Hospital da Misericórdia local. O pequeno carro do «60», apresentou-se ornamentado a capricho, e repleto de frutos e outros géneros alimentícios oferecidos pelos Escoteiros.

Em 22 e 29 do mês passado, o «60» bivacou junto à mata local, tendo as Patrulhas bivacado separadamente na última destas actividades.

—Está despertando grande interesse entre as Patrulhas o novo concurso «Trabalho e Método» a galardoar, anualmente, a Patrulha que mais se distinga em método, na Sede, e em actividade exteriormente.—*C.*

• • o • •

Delegado dos Serviços Centrais na Região de Lisboa

Sabemos que a Direcção dos Escoteiros de Portugal escolheu o sr. dr. Eugénio Henrique Ramos, que ocupava o cargo de chefe do 2.º grupo, para Delegado dos Serviços Centrais na Região de Lisboa.

Felicitando-o pela escolha para tão importante missão, desejamos-lhe o maior êxito no seu desempenho e oferecemos-lhe a colaboração desinteressada e pronta do nosso jornal.

• • o • •

Capitão Fernando Silva Caetano

Este nosso dedicado assinante e bom amigo, distinto oficial dos Serviços de Administração Militar, que prestou brilhantes Serviços na nossa província de Angola, de onde regressou há poucos meses, acaba de ser nomeado Inspector Administrativo da Polícia de Segurança Pública, onde já se apresentou. Felicitamo-lo pela sua escolha para tão importante cargo.

• • o • •

PELOS GRUPOS

Grupo Pedro Álvares Cabral

Na terça-feira dia 28 do corrente, na sede deste grupo efectua-se às 21 horas uma sessão de cinema educativo, gentilmente proporcionado pela Embaixada dos Estados Unidos, para a qual são convidados os escoteiros de todos os grupos de Lisboa.

• • o • •

Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal

Já o nosso jornal estava no prelo quando chegou a agradável notícia de que a Direcção da Fraternal estava tendo reuniões regularmente e procurando activar o funcionamento desta instituição a fim de convocar o Conselho Nacional para proceder a eleições.



Um verdadeiro português

Ao vir da escola, o Necas encontrou sobre a secretária do paizinho um álbum de fotografias. Uma delas representava um velho, de bigodes brancos, alto, de presença distinta, embora de pele escura. Tinha na testa uma meia-lua em ouro, envergava um trajo muito curioso e da cinta pendia-lhe uma catana de guerra numa bainha emplumada.

O Necas que, diga-se em abono da verdade, era muito curioso, esperou que o paizinho viesse almoçar, para lhe perguntar quem era aquela figura tão estranha.

Foi com impaciência que o pequeno viu moverem-se os ponteiros do relógio. Até que uma campainhada forte retiniu. Pouco depois, o senhor Lemos surgiu na casa de jantar.

—Paizinho,—perguntou o pequeno—quem é aquele guerreiro, com a espada à cinta, cujo retrato está no álbum?

—Fizeste bem em perguntar, meu filho. Esse homem cuja fotografia ali vês foi um timorense, bravo como nenhum, que morreu como português dos melhores.

—Quem era, paizinho?

—D. Aleixo César Corte-Real, coronel de segunda linha, régulo do reino de Ainaro, na região do Suro, em Timor. Tinha figura imponente. Conheci-o ainda naquela nossa linda província, com a sua indumentária rica, as suas jóias de ouro nativo, as suas insígnias de guerra. Depois, em 1934, encontrei o na Exposição do Porto. O seu vulto, trajando à europeia, perdia, talvez, em grandeza, mas ganhava em encanto pessoal. Depois, voltou para Timor e nunca mais ouvi falar dele até que, em 1943...

A voz do senhor Lemos turvou-se. Relanceou o olhar pelo retrato do régulo. Ali estava ele, firme, olhar altivo, a mão poisada na comprida catana.

—E depois, paizinho?

—A guerra caiu na terra de Timor. Os japoneses, esquecidos de que tínhamos sido nós quem, há quatro séculos, lhes tinha levado a civilização ocidental, as primeiras indústrias, a primeira espingarda e a primeira misericórdia, desembarcaram, como feras, na ilha que Camões cantou. Por toda a parte, deixaram ruínas, a miséria e a morte. Não satisfeitos ainda, rebelaram contra os europeus alguns bandos de nativos sem fé nem lei, que se lançaram no saque e na carnificina. Chamavam-se a esses bandos as *colunas negras.*

—E D. Aleixo?—perguntou o pequeno.

—O régulo, cujo prestígio era grande em todo o Suro, onde o conheciam por Nai Sesso, seu nome gentílico, foi intimado, em Março, a submeter-se aos nipónicos. Recusou sempre. Os bandos voltaram, comandados por japoneses, mas o valoroso régulo preparou-se para a resistência. Bateu-se bem em Surolau, causando baixas pesadas aos invasores, a quem chegou a abater um avião.

—Que valente!—exclamou o Necas.—E os japoneses fugiram?

—Não. D. Aleixo retirou para as montanhas, onde combateu até Maio. Quando já não tinha um cartucho, nem podia resistir mais, pôs a mulher, a nora e os netos em lugar seguro e veio, com seu irmão Nai Chico, três filhos e alguns parentes, entregar-se aos japoneses. Estes encerraram-no num quarto. Mas, ao tentarem amarrá-los, o régulo e seu irmão forçaram a porta e lançaram-se sobre os japoneses. Foi feroz a luta, mas os inimigos venceram, pois eram muitos e estavam armados e D. Aleixo foi trespassado por baionetas.

—Então, morreu a bater-se?

—Sim, como um valente. Houve, depois, o *loro-sá*, cântico de guerra em que entraram os japoneses e os seus aliados. Dizem de D. Aleixo os nativos que foi a cabeça mais alta que ainda caiu em Timor. Porém, o seu sangue não se perdeu, porque o reino de Ainaro manteve-se fiel a nós até ao fim da ocupação estrangeira.

—E a mulher de D. Aleixo? Que fez ela, depois da morte do marido?

—Em 5 de Setembro de 1945 ficou livre a terra de Timor. Quando chegaram os portugueses da Metrópole a Ainaro, a viúva D. Maria Corte Real chorou de alegria. E, um ano depois, ao comemorar-se tal data, a velha senhora declarou que o marido e os filhos tinham caído pela Pátria, mas que se fossem necessários mais sacrifícios, ofereceria também a sua vida e a de seus povos.

—Valente mulher! Parece uma daquelas portuguesas de outros tempos.

—Dizes bem, meu rapaz, D. Aleixo, esse velho e altivo guerreiro, que já havia prestado bons serviços a Portugal durante a campanha de 1912, não foi, felizmente esquecido. Recebeu o grau de cavaleiro da Ordem da Torre e Espada. E quando o Governador da Província, ao colocar no peito de D. Maria Corte Real as insígnias com que o valente régulo fora condecorado, lhe deu um abraço, as pessoas que assistiram tiveram a impressão de que esse abraço era como que a União da Metrópole e do seu Ultramar, união essa fortalecida em Timor, indestrutìvelmente, pelo sangue desse heró de altiva presença que foi D. Aleixo César Corte-Real.

MANUEL FERREIRA

A Boa Acção do Natal

Dos escoteiros portugueses e americanos de Angra do Heroísmo

O Grupo 52 de Escoteiros de Portugal de cooperação com os lobitos e escoteiros americanos do aeroporto das Lages, promoveram no dia de Natal mais uma Boa Acção Colectiva.

Os escoteiros do Grupo 52 angariaram tecidos e reuniram um número interessante de vestidinhos, aventais, bibes e roupas interiores. Em auxílio desta iniciativa vieram os nossos irmãos americanos que juntaram muita roupa usada, especialmente de criança, uma grande porção de brinquedos novos e usados. O Grupo 52 preparou uma lista de crianças necessitadas e organizou os respectivos pacotes a distribuir.

A Direcção do Grupo Americano reuniu ainda uma excelente oferta de géneros de mercearia para serem entregues às famílias das mesmas crianças. Na véspera de Natal, seis escoteiros portugueses e cinco americanos procederam à distribuição de todas as ofertas que beneficiaram cerca de 200 crianças distribuídas por 100 casas, sendo ainda contempladas 120 famílias com artigos de mercearia suficientes para algumas refeições.

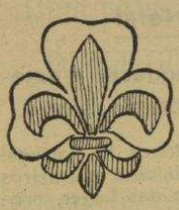
Esta Boa Acção Colectiva inspirada pelos ideais de amor cristão que o Natal sugere, serviu ainda para evidenciar o alto valor do espírito de cooperação e a amizade da juventude luso-americana.

O XI aniversário do «Sempre Pronto»

O nosso bom amigo e veterano no escotismo algarvio sr. João Lobo de Miranda Trigueiros, enviou-nos, por motivo do nosso aniversário, um simpático abraço de felicitações, que agradecemos.

ECOS DE BELÉM

Este simpático semanário bairrista, nosso vizinho, teve a amabilidade de nos felicitar pelo XI aniversário do «S. P.», o que agradecemos com iguais votos.



ANTIGOS ESCOTEIROS

Almoço de Confraternização do Grupo n.º 2

Conforme anunciámos, no dia 15 de Janeiro passado, realizou-se no refeitório da F. N. A. T. na calçada do Santana, o almoço de confraternização dos antigos escoteiros do grupo 2, acto que reuniu 32 elementos. Presidiu o actual chefe daquele grupo, sr. dr. Eugénio Henrique Ramos, que, em virtude de ter de se ausentar, logo ao final do repasto agradeceu a presença de todos, tendo palavras de louvor para o sr. Eduardo Quintino promotor daquela reunião e para o «Sempre Pronto», passando depois a presidência da mesa para o mais antigo escoteiro presente, o sr. António Xavier de Brito.

Discursaram depois os srs. Luís Grau Tovar de Lemos, o chefe que durante maior número de anos dirigiu o grupo 2, o antigo chefe Amâncio Salgueiro Júnior, e Magalhães Ferraz, que se referiram à vida do 2 na sua já longa história e exaltaram o valor das reuniões de confraternização.

O sr. Mário Pedroso de Lima, que foi subchefe do grupo, referiu-se aos ideais de fraternidade que unem não só os escoteiros, mas os milhões de antigos escoteiros, força que deve ser orientada para fomentar no mundo os princípios de boa vontade e boa compreensão entre os homens. Recordando os tempos de escoteiro, lembrou diversas peripécias e, entre elas, citou esta:

Como se tira uma prova de classe

«Para obter a segunda classe, tinha de tirar a prova de cozinha. Lembro-me que o prato escolhido foi chouriço com ovos. Fiz uma fornalha com saibro, preparei a fogueira e pus o petisco ao lume. Mas tais voltas dei à cozinha que o saibro se misturou com os ovos e resultou um prato com ovos e saibro. Porém, tinha de tirar a prova, para tirar a prova tinha de cozinhar um prato em boas condições e, para provar que estava em boas condições, tinha de o comer... e eu comi os ovos com saibro»,

Uma gargalhada sublinhou as palavras de Mário Lima, que, no entanto, afirmou ser através destas dificuldades que a personalidade dos escoteiros se forma reunindo experiências para fazer face a outras dificuldades maiores.

Falou depois o sr. Pedro Cunha, que se referiu largamente aos ideais escoteiros e à Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, iniciativa de que não havia notícias há tanto tempo, afirmando a necessidade de fazer reviver essa iniciativa. Recordando o muito que deve ao Escotismo, citou o seguinte facto:

Como um escoteirinho salva uma vida

«Tinha ainda 12 anos de idade e estava preparando as minhas provas de 2.ª classe. Havia pouco tempo que era escoteiro. Um dia, em minha casa, minha mãe empoleirada num banco lavava os vidros de uma janela. De repente, o banco volta-se e ela enfia o braço na vidraça sofrendo profundo golpe no antebraço. O sangue jorra com abundância e eu, pequenito ainda, recordo-me imediatamente da instrução de primeiros socorros dada no grupo. Não perco a serenidade e aplico, sem mais delongas, o torniquete aprendido. Faço conduzir minha mãe ao posto da Cruz Vermelha na Praça do Comércio e, aí, o médico de serviço apercebendo-se da gravidade do ferimento, cuida da doente, laqueando cuidadosamente as artérias cortadas. No final, pergunta com curiosidade quem tinha feito o primeiro socorro e não esconde o seu espanto quando sabe ter sido uma tão tenra criança, comentando com ênfase:—Pois, minha senhora, deve a vida a seu filho. Se tem sido conduzida aqui sem os seus cuidados, certamente não resistiria a tão grande perda de sangue.

«Só por isto—comenta o sr. Pedro Cunha—devo muito ao Escotismo, devo-lhe a vida de minha Mãe».

A Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal—uma ideia que não morre

O sr. Artur Ferreira do Carmo referiu-se depois especialmente à Fraternal, assunto que passou a ocupar a atenção de todos os presentes. De facto, a Fraternal é uma ideia que felizmente não morre e que todos desejam ver realizada. Sobre este assunto falou também o sr. Helder Leal.

Instado pelos organizadores do almoço, usou depois da palavra o director deste jornal, que afirmou ter escutado com o maior interesse as ideias expostas pelos oradores antecedentes, sugestões preciosas que se têm ouvido em todas as outras reuniões do mesmo género, afirmando porém que as ideias por mais sublimes que sejam só têm real valor quando são animadas pela acção. Ilustrou depois esta afirmação com o exemplo dado pelos organizadores daquele almoço, especialmente o sr. Quintino, que não se limitaram a divagar sobre a beleza das reuniões de confraternização, mas souberam pôr em prática aquela excelente ideia. Era isso aquilo que faltava para que a Fraternal estivesse em boa actividade. Por iniciativa do «Sempre Pronto» tinham sido promovidas importantes reuniões de antigos-escoteiros, nas quais tinham tomado parte centenas de elementos. Dessas reuniões, saíu primeiro uma Comissão que organizou Estatutos da Fraternal e fixou os objectivos desse útil Movimento e, depois, foram eleitos os Corpos Gerentes. Hoje a Fraternal existe, tem objectivos, tem planos de trabalho, tem Corpos Gerentes. Lamentàvelmente esses Corpos Gerentes não têm podido cumprir a sua missão, mas para que a Fraternal entre em actividade é necessário que se convoque uma Assembleia Geral para eleger os seus substitutos. É afinal bem pouco o que urge fazer—afirmou o nosso Director—que terminou saudando os antigos-escoteiros presentes.

Assembleia geral mundial dos antigos escoteiros e guias

A pedido do presidente da mesa, usou da palavra o sr. Albano da Silva, que aproveitou a ocasião para dar alguns esclarecimentos sobre a Fraternal, afirmando que tinha sido já resolvido que uma comissão de antigos escoteiros presentes procuraria o sr. dr. Tovar de Lemos presidente da Direcção da Fraternal, e lhe iria pedir para fazer convocar a desejada Assembleia Geral. Confirmou que a Fraternal não era uma utopia, como alguém tinha dito, que ela existia não só no nosso país mas era uma idéia em execução em muitos países. Deu depois muitos pormenores da Assembleia Mundial, que se efectuou na Dinamarca em Agosto último, onde representou a nossa Fraternal. Disse ainda que tem estado em íntimo contacto com o Coronel Wilson acerca do assunto, a quem iria transmitir a notícia da realização daquele almoço.

Reportou-se a assuntos tratados na Dinamarca e revelou que um dos mais interessantes foi a consulta acerca da vantagem de permitir a cooperação com os antigos escoteiros e guias dos seus maridos ou esposas, e que se pensa até em agregar os próprios filhos. Esta revelação do sr. Albano da Silva proporcionou comentários, afirmando-se que um movimento de tal magnitude irá congregar muitos milhões de pessoas em volta de um ideal de fraternidade, facto que pode ter largo significado na vida de muitas nações.

Usaram ainda da palavra os srs. Capitão Manuel Duarte Borrego; e Eduardo Quintino, que, como organizador do almoço, não só tratou de assuntos de expediente, como agradeceu a presença de um tão bom número de antigos companheiros e se referiu a dificuldades que o seu empreendimento tivera. Prestou homenagem aos escoteiros falecidos e aproveitando, sugestões já feitas, pôs à aprovação a deliberação de enviar telegramas de saudação ao fundador do grupo, sr. Comandante Melo Machado, e ao sr. dr. Alfredo Tovar de Lemos, antigo presidente, e ao presidente dos Escoteiros de Portugal.

Um bivaque dos antigos escoteiros

Disse que estava fazendo projectos para um novo almoço de confraternização, mas esse realizado em pleno campo e num ambiente escoteiro, possìvelmente com a participação das famílias dos antigos escoteiros. A idéia mereceu aplausos e fizeram-se logo sugestões para que essa reunião se realizasse na próxima primavera.

Referindo-se ao «Sempre Pronto», o orador lembrou que se estava comemorando o seu 11.º aniversário, facto sem precedentes na imprensa dos Escoteiros de Portugal. Prestou homenagem ao esforço daqueles que trabalham por esta causa e propôs uma aclamação à imprensa portuguesa ali representada pelo nosso jornal, palavras que foram sublinhadas por uma grande salva de palmas.

O sr. Quintino prestou depois homenagem ao actual chefe do grupo sr. dr. Henrique Ramos, bem como ao presidente do mesmo sr. Madeira Leitão, cuja dedicação pelo grupo pôs em foco, aconselhando-o no entanto a dividir o trabalho com outros companheiros. Este usou da palavra, agradecendo e fazendo considerações sobre a actual vida daquela unidade.

Finalmente, usou da palavra o presidente da mesa, sr. Xavier de Brito, que se referiu às primeiras horas da vida do Dois e lembrou a dedicação do comandante Melo Machado, a campanha a favor do Escotismo desenvolvida por «O Século» e recordou nomes dos primeiros membros do grupo, dos quais se encontrava presente o sr. Capitão Manuel Borrego. Propôs ainda que se enviasse um telegrama de saudação, e pediu aos dois membros dos Serviços Centrais ali presentes para o transmitirem, ao sr. Presidente da República, que também é antigo-escoteiro.

O sr. Xavier de Brito teve também palavras de muito apreço para o «Sempre Pronto», cujo esforço elogiou, afirmando que era o nosso jornal o elo que tinha unido os escoteiros e os antigos escoteiros separados pelas exigências da vida. Louvou a Comissão Organizadora daquele almoço, especialmente o entusiasmo e sacrifício de Eduardo Quintino, que recebeu de todos os presentes uma calorosa ovação.

E assim terminou esta reunião, tendo todos entoado a canção «Eh lá!» e o hino nacional.

Além dos elementos já citados, estiveram presentes os antigos-escoteiros srs. Armando Jaime Soares, Alfredo Marçal Rodrigues, Reginard Benvindo Frazoa, José Dionísio dos Santos, Fernando Rodrigues Simões, Raul dos Santos, Vasco Pires Amoedo, Eugénio Pais Costa, Aurélio Bravo, Joaquim Martins Lobato, Guilherme Sá Viana, Américo Tavares Ferreira, Rafael Noronha de Oliveira, Carlos da Graça Branquinho, Luís António dos Santos, Almerindo Gonçalves Fernandes e Manuel Alvim Leal.

(Conclui na 7.ª página)

E. REYNOLDS FALA SOBRE:

A aplicação do sistema de patrulhas

O segredo do sistema de patrulhas é o desenvolvimento de um senso de responsabilidade em cada escoteiro

Para haver «sistema de patrulhas», não basta dividir os escoteiros em núcleos de 7 ou 8 e escolher em cada um desses núcleos um guia e um subguia. Isto é simplesmente o primeiro passo, Há, depois, que incutir o «espírito de patrulha» e dar uma responsabilidade a cada um desses rapazes.

Em escotismo não pode haver espectadores; na «grande aventura» todos têm um papel activo a desempenhar, por cuja realização cada escoteiro pessoalmente se compromete. É B.-P. que afirma: «Atribuindo-se responsabilidade a um indivíduo, obtém-se um inapreciável desenvolvimento do seu carácter».

O povo tem em grande conta a noção de responsabilidade; quando observa um indivíduo a proceder sem consciência das suas acções, diz que «é um irresponsável». O escoteiro sabe o que quer e gosta de caminhar com segurança, e esta faceta do carácter é lapidada pela atribuição de uma tarefa definida, seja secretário, seja arquivista, tesoureiro, bibliotecário ou outra qualquer missão peculiar ao trabalho das patrulhas.

Um espírito de patrulha só poderá surgir gradualmente através das actividades e ideais escotistas

Outra faceta do «sistema de patrulhas» é o estado de espírito que gera entre os seus componentes. Há entre eles uma comunidade de ideias, um sentimento de solidariedade tão acendrado que faz com que cada um se sinta um elemento imprescendível ao bom trabalho da patrulha e que qualquer acto menos pundonoroso ou a mais pequena falha valerão como uma traição ao esforço colectivo, afectando o bom nome da patrulha, que eles querem ver salvaguardado.

Quando os escoteiros sentem orgulho da sua patrulha é o momento de se poder dizer que esse «espírito» já despontou. Importa ao chefe velar por que ele se radique completamente e se desenvolva cada vez mais.

Os elementos estimulantes desse «espírito de patrulha» são, primeiro, a vida aventurosa no campo, o amor da Natureza e a fidelidade ao ideal; outros elementos são fornecidos pelo cerimonial escotista, como seja o «totem», o grito e a divisa da patrulha, o pseudónimo, etc..

Os guias (...) devem procurar descobrir os interesses de cada escoteiro, a fim de aproveitá-los para o serviço da patrulha

O adolescente é um indivíduo em desenvolvimento constante. Por esse motivo, todas as suas actividades devem tender a definir a sua personalidade e a exercitar as faculdades que o tornarão um homem capaz, um elemento activo da sociedade.

O escotismo é um óptimo meio para aplicação de métodos educativos conducentes a este aperfeiçoamento individual, pois o sistema de patrulhas divide o grupo de escoteiros em pequenas comunidades de 7 ou 8 rapazes, os quais gozam de uma certa autonomia, escolhendo entre eles o dirigente próprio—o guia da patrulha.

Se a patrulha é uma excelente oportunidade para o treino de aptidões de todos os seus elementos, ao guia oferece uma possibilidade inigualável de exercitar e desenvolver as primeiras solicitações das suas faculdades directivas.

Um dos aspectos mais importantes da missão do guia da patrulha é o apontado no subtítulo, que, aliás, encontra completa confirmação no asserpto de B.-P. quando diz: «Dependerá também dele (o guia de patrulha) aproveitar e desenvolver as qualidades de cada elemento da sua patrulha». Isto é o nó górdio do trabalho da patrulha pois o guia, conhecendo a vocação e as aptidões dos seus colaboradores, forma de proceder de qualquer chefe consciente das suas responsabilidades, distribui, segundo a propensão natural de cada um, o quinhão de trabalho da patrulha, animando-os a aperfeiçoarem-se, a fim de que os resultados sejam os mais proveitosos possível.

Quando a patrulha atinge, digamos, este «balanço», o trabalho educativo do escoteiro está em pleno desenvolvimento. Ao chefe compete, então, vigiar, aconselhar e doutrinar, sem coarctar, todavia, o espírito de iniciativa inerente ao escotismo, para que o carácter educativo do movimento esteja patente em todos os actos da patrulha e, sobretudo, na vida de todos os componentes.

JOEL RIBEIRO

Escoteiro ou Escuteiro?

Antes do último acordo ortográfico, a palavra escoteiro aparecia em todos os dicionários escrita com «o». Estabelecido o acordo, chegou-se à curiosa conclusão de que em Portugal se escreveria *escuteiro* e no Brasil *escoteiro*. Quer dizer, os representantes das duas ilustres Academias não chegaram a acordo sobre a grafia da palavra que designa o membro do nosso Movimento, parecendo, portanto, que há razões para escrever das duas formas.

Os Escoteiros de Portugal, por uma questão de fidelidade à designação legal da sua Associação, continuaram a escrever a palavra com «o», o que tem a vantagem de manter uma interessente unidade com os nossos irmãos escoteiros do Brasil. Ultimamente, porém, nas publicações oficiais da nossa Associação começou a aparecer a grafia *escuteiro*, sem que no entanto tivesse havido qualquer disposição associativa sobre o assunto. O mais curioso, contudo, é que no mesmo escrito, às vezes, aparecem as duas formas: Escoteiro e Escuteiro. Não nos parece que esteja bem semelhante confusão. Há que adoptar definitivamente uma só grafia. Mas, escrever as duas simultâneamente, parece-nos não só confuso como desorientador. Compete à digna direcção dos Escoteiros de Portugal dar uma norma orientadora, para que todos passem a escrever a palavra da mesma forma.

• • o • •

DAVID M. DE BARROS

Este nosso dedicado amigo e compatriota, que representa o «Sempre Pronto» no Brasil e na pátria-irmã tem ocupado um lugar de relevo na respectiva associação escotista, encontra-se novamente internado no Hospital da Beneficência Portuguesa, no Rio de Janeiro, onde foi submetido a uma operação cirúrgica em Julho passado. Por notícias, que nos foram transmitidas a pedido de David M. Barros, sabemos que, embora esteja ainda de cama, o seu estado de saúde é satisfatório e há fundamentadas esperanças num breve restabelecimento, que os seus muitos amigos em Portugal sinceramente esperam e desejam.

• • o • •

Eng.º Jorge Pereira Jardim

Vindo da Beira, na nossa província ultramarina de Moçambique, onde tem a sua residência, está de novo no continente o nosso estimado amigo sr. Eng.º Jorge Pereira Jardim, ex-presidente dos Escoteiros de Portugal, a quem apresentamos cumprimentos de boas-vindas.

VAIDADE DAS VAIDADES...

Um Conto de LORETO AZPEITIA L. DE AYALA

Pensando nos autores de «H. Joe», «O Sargento Barren»...

Ramón Campos tinha acabado de escrever um conto. Um doce e romântico conto, arrancado das profundidades da própria cabeça. E se, ao princípio, se sentia ufano da sua obra, ao terminar de lê-la pela primeira vez diante da sua mãe, quase estalava de satisfação.

A boa senhora, apesar de não estar muito a par do movimento literário da época, lançou dois ou três dilacerantes ais; pôs-se a chorar desconsoladamente, não sem afirmar primeiro ser aquilo o que de mais precioso ouvira em sua vida e terminou bramando contra esse mundo vil, tão cheio de incompreensão para com os grandes talentos, entre os quais o seu filho ocupava o primeiro lugar.

Por tudo isto, Ramón, sentindo-se no apogeu do êxito, transpôs nessa tarde a porta giratória do café onde o esperava a costumada tertúlia.

Após as saudações do estilo e enquanto desfazia na chávena o torrão de açúcar, atreveu-se a «lançar-se»; mas não teve sorte.

O senhor Ruiz e o senhor Gomes, violentamente agitados, discutiam os seus possíveis dotes de governantes, e nem sequer pararam quando aquela suave frase lhes roçou timidamente os ouvidos: «Meus amigos, terminei o conto». Tão-pouco o senhor Peres, vivamente interessado em alinhar sobre a mesa umas avezitas de papel, pareceu dar conta disso. Unicamente o senhor Lomas, quando a frase foi repetida, desviou os olhos da janela e pousou-os redondos de assombro nos de Ramón.

— Querido amigo! Ouviram, meus senhores? O Campos terminou o seu conto!

O senhor Gomes e o senhor Ruiz desta vez deixaram vago o posto governamental e as avezinhas do senhor Peres romperam desordenadamente as suas filas.

Depois de um instante de silêncio, aquele recanto do Café encheu-se de exclamações.

—Mas é possível? Já?! Leia-no-lo agora mesmo! Silêncio, silêncio; escutem!...

E pela segunda vez naquele dia Ramón fez a leitura, visìvelmente emocionado, da vintena de quadrados de papel para onde vertera seus doces e românticos pensamentos.

Ao finalizar recebeu um montão de aplausos;—«Magnífico! Soberbo! Devia mandá-lo para «A Província»; estou convencido de que o publicavam».

Ramón baixava os olhos modestamente:—«Não tem nada de especial, meus amigos. São muito amáveis e indulgentes...»

—Oh!... Ah!...

E os seus amigos comentavam acaloradamente:

—Pois se é realmente uma revelação na arte das letras! Devia publicá-lo, mandá-lo à «Província». Sim, sim, à «Província».

—E por que não ao «Imparcial»? —objectou o senhor Gomes que indubitàvelmente tinha uma respeitável dose de malícia no seu exíguo corpozinho.

—Oh, ao «Imparcial»!...—exclamaram visìvelmente contrariados os companheiros, ao mesmo tempo que lançavam ao senhor Gomes um olhar capaz de destroçar os ânimos mais robustecidos. —Ao «Imparcial», um jornalzinho de meia tijela...

E aqui voltou a tertúlia à sua primitiva questão, porque o senhor Gomes e o senhor Ruiz se debatiam prazenteiramente em nova discussão, ao passo que os olhos do senhor Lomas atravessavam lânguidos os cristais da janela e as avezinhas do senhor Peres tornavam a alinhar-se graciosamente, sobre a mesa.

Entretanto, Ramón depois de consultar o relógio, resolveu retirar-se; agarrando as luvas e o chapéu despediu-se amàvelmente dos amigos, cujas caras, envoltas no fumo dos charutos, viram-no ir-se embora, cheio de satisfação pelas mil e uma felicitações recebidas.

* * *

Na rua, dirigiu-se para a entrada do metropolitano, onde o esperava Carolina, que o recebeu com um belo sorriso.

—Querido!...

—Carolina!...

Ramón parou um momento extasiado, contemplando a gentil figura de sua noiva, desde o sedoso e bem penteado cabelo, os lábios cor de carmim e as afiadas e bem tratadas unhas, até os pèzitos pequenos, que, num verdadeiro alarde de equilíbrio, se mantinham sobre os altíssimos saltos.

— Carolina! — voltou ele a repetir.

—Anda, rapaz, parece que ficaste pasmado! Diz-me, — e rindo, passou o braço por baixo do dele —onde vamos hoje?

—Depois verás...

Sim, estava decidido! O eléctrico levá-los-ía até aos arredores, onde almoçariam debaixo de algum frondoso pinheiro.

E assim foi. Depois de ter comprado uma abundante merenda, Ramón encontrou-se junto da sua adorada Carolina, e instalado com relativa comodidade sobre uma suave e verde relva, gozando a dourada tarde primaveril, debaixo do pinheiro dos seus desejos.

* * *

—Carolina, que maravilhosa natureza!—E Ramón apoiava negligentemente a cabeça sobre um ombro da jovem.—Escuta o encantador murmúrio deste fresco arroio que passa perto de nós; e o trinar dos inumeráveis passaritos. Não é maravilhoso tudo isto? Diz-me, querida não seria belo viver aqui sempre?

—Oh, sim! seria estupendo, Ramón! Estupendo!—repetiu ela, enquanto mordia com os seus dentinhos apertados a décima oitava sanduíche.

—Sim, realmente, minha linda Carolina... Sabes, querida? Escrevi um conto. Um conto onde explico pormenorizadamente a beleza dos bosques e das montanhas...

—Ramón, mas querido!...—E Carolina ficou com a garrafa de cerveja a meio caminho dos carnudos e bem desenhado lábios.—Como foi isso? explica-me isso... Ou melhor: lê-mo, lê-mo já. Oh...

Caía mansamente a tarde quando Ramón terminou, pela terceira vez nesse dia, de ler o doce e romântico conto, retirado das profundidades de sua própria cabeça. Agora era Carolina que apoiava a loura cabecita no ombro do seu amado, vencida pela emoção.

As folhas de papel sobre a relva, com a caneta fazendo de pesa-papéis, viravam galantemente as pontas brancas, sob a suave carícia de uma brisa.

O bucólico tilintar de um rebanho de cabras que, de regresso, rodeou os enamorados, tirou estes da precipitada abstracção.

—Carolina, observa estes graciosos animaizinhos. Que elasticidade; que natural elegância em todos os seus movimentos!

—Sim, querido. Verdadeiramente estão cheios de elasticidade e de graça.

—Olha aquele negro e cinzento... recortando-se no horizonte, parece... uma gravura.

—Sim, Ramón; uma gravura. Uma gravura que está comendo.

—Diz, antes pastando, Carolina querida; pastando.

—Meu Ramón, que pateta que eu sou. Tens razão: pastando uns papéis.

(Conclui na 7.ª página)

VAIDADE DAS VAIDADES...

(Conclusão da 6.ª página)

—Carolina, então não sabias que as cabras gostam de papel?

Por instantes, toda a beleza da tarde que morria, pareceu recolher-se em silêncio, enquanto Ramón fulminava com o olhar um montículo de relva, onde há momentos tinham repousado as folhas de papel, senhoras de toda a sua glória literária.

—Carolina!!!...

E Ramón não pôde articular uma palavra mais; mas os olhos aterrados da rapariga contemplaram a mais ardorosa e estranha das perseguições.

Paus, pedras, latas de conserva vazias, um par de garrafas e umas não muito finas interjeições eram dirigidos à cabra, que, completamente assustada, correndo de aqui para acolá, ajudava a aturdir o espaço com os seus potentes balidos.

De repente, um homem, empunhando uma vara, surgiu imprevistamente no centro do cenário.

—Eh!... Pode-se saber que diabo pensa fazer ao gado?

Ramón parou prontamente os saltos e correrias e lançou um olhar chamejante sobre o que assim falava.

—Que é que eu penso fazer? Sabe que comeram o meu conto? Estes malditos animais...

—Qual conto, qual carapuça!— vociferou o homenzinho. — Você está maluco, maluco de todo!

—Maluco é você! Tem mesmo cara de imbecil!

* * *

Sòmente a oportuna intervenção de Carolina, empreendendo veloz fugida e arrastando, agarrado por um braço, o seu amado atrás de si, livrou este de que se convertesse em realidade um suposto anuviamento das suas faculdades mentais, por graça ùnicamente de um cajado.

Já molemente sentados no eléctrico a caminho da cidade, Carolina, enquanto tratava de arranjar o melhor possível, por meio do espelhinho da caixa de pó de arroz, a mistura de lágrimas, «rimel» e pó espalhada pela sua cara, rompeu o turvo silêncio em que o companheiro se fechara:

—Querido... Estou certa de que o recordarás perfeitamente; voltarás a escrevê-lo...

—Hum...—Ramón não levantava a vista do bico dos sapatos. —Já não será igual! Não posso recordar-me letra por letra.

—Bem—e o ligeiro estalido da caixa, do fechar-se, fez com que o olhar de Ramón passasse da prosaica ponteira dos sapatos para os belos olhos, maravilhosos olhos de Carolina.—Não há razão para isso. Demais, deve satisfazer-te saber que o animal morrerá esta noite mesmo. Tragou também a caneta...

— Isso é verdade, Carolina! — e todo um mundo de esperada vingança fazia tremer a voz do novel literato.

—Claro que sim Ramón. É certo. Não te rales. Voltarás a escrever contos preciosíssimos. Verás!...

O claro sorriso de Carolina iluminou de repente tudo quanto a rodeava; e Ramón, poisando os seus olhos nos dela uma vez mais, deixou sua alma penetrar-se daquele mar de luz, enquanto sentia reverdecer no coração as doces flores da esperança e da confiança perdida.

Madrid, Verão de 1955

LORETO AZPEITIA L. DE AYALA

ANTIGOS ESCOTEIROS

(Conclusão da 4.ª página)

Algumas das resoluções da II Reunião Mundial da Assembleia Geral dos Antigos Escoteiros e Guias

Conselho Mundial

4—Em consideração dos serviços que tem prestado ao Escotismo e à formação de Amizade Internacional, a Assembleia Geral nomeia o coronel J. S. Wilson membro adicional do Conselho.

5—A Assembleia Geral nomeia as pessoas seguintes como membros do conselho:

Lorde Baden-Powell (Filho do Fundador)
Werner Barblan
Ada Cornil
K. Davies-Cooke
Abade Paul Lambot
Dr. Josef Miegl
Michel Rigal
Erik Sjoqvist
Lis Starcke
Eng.º Sten Thiel
Prof. Dr. Alberto Vaghi

O Conselho está autorizado a admitir mais uma senhora para o lugar livre.

O Conselho nomeou de novo Erik Sjoqvist para Presidente, Mme. Ada Cornil para Vice-Presidente, e o Coronel J. S. Wilson para Conselheiro honorário até à próxima reunião da Assembleia Geral em 1959.

6—A assembleia geral tem o prazer de tomar conhecimento de que a sr.ª D. Leslie Whateley e o sr. Pierre Delsuc foram nomeados membros adicionais do Conselho em representação do Conselho Mundial das Guias e do Conselho Internacional de Escotismo, respectivamente.

Assembleias Regionais

10—A Assembleia Geral recomenda aos países membros a organização, entre as reuniões da Assembleia Geral, de reuniões regionais onde os problemas de interesse especialmente regional poderão ser resolvidos.

Centenário do Fundador e Jubileu do Escotismo

11—A Assembleia Geral aguarda com prazer o Centenário do Fundador e o Jubileu de Ouro do Escotismo em 1957 e pede aos países membros para que auxiliem o mais possível os planos que fizerem os Escoteiros e Guias para celebrarem este aniversário.

Próxima Reunião

13—A Assembleia Geral decide que a próxima reunião seja em 1959 e pede ao Conselho para decidir a data e o lugar, e de os anunciar em 1957.

UMA JUSTA HOMENAGEM AO

Prof. António Vicente de Sousa Lopes

Promovida por um grupo de amigos, realizou-se no passado dia 28 de Janeiro, na sala «Sousa Lopes» da Associação de Socorros Mútuos «Aliança Operária», uma sentida homenagem ao professor António Vicente Sousa Lopes, por motivo da passagem do seu 80.º aniversário e 59.º aniversário de actividade profissional naquela mesma colectividade, por cujas carteiras passaram muitas centenas de alunos, que ali receberam a luz da instrução.

A cerimónia foi presidida pelo Director Escolar do Distrito de Lisboa, e a sala estava repleta de antigos alunos e ainda de representantes de muitas colectividades do Bairro da Ajuda, onde aquele professor leccionou e foi director da Escola Oficial.

O prof. Sousa Lopes deu simbòlicamente a sua última lição. À chamada responderam muitos antigos alunos, que naquela mesma sala aprenderam as primeiras letras, constituindo um acto enternecedor a presença de gratidão de discípulos já de cabelos brancos. O antigo Professor, discursando de improviso e ainda com ele-

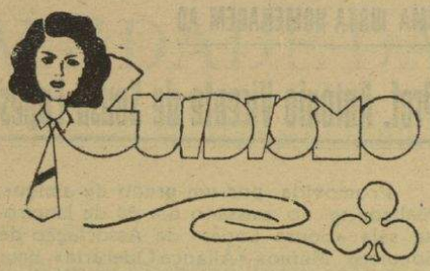


gância, apesar de se afirmar desmemoriado disse que a lição que poderia dar, naquele momento, seria a lição da sua própria vida, aconselhando cada um a cumprir o seu dever, como única forma de alcançar a paz de consciência e poder ter a alegria de no final da vida receber uma tão linda homenagem como aquela que estava a receber. As palavras do prof. Sousa Lopes foram coroadas de uma muito quente ovação.

Discursaram diversas entidades presentes, a que a exiguidade do espaço nos não permite fazer referência, mas queremos citar um brilhante discurso pronunciado pelo colega do homenageado, sr. prof. Cruz Filipe, que fez o elogio do prof. Sousa Lopes como mestre, como amigo, companheiro e como chefe de família, pôs em destaque a sua devoção pelo ensino e o seu alto sentido da pedagogia, sendo um pioneiro dos mais modernos sistemas educativos.

«Sempre Pronto», que tem à frente da sua Redacção dois discípulos do Prof. Sousa Lopes, sente as homenagens que lhe são tão justamente prestadas, às quais se associa com profunda gratidão, felicitando aquela colectividade mutualista por ter proporcionado uma tão grata oportunidade aos muitos admiradores do ilustre Professor.

A gravura que ilustra este artigo foi-nos gentilmente cedida pelo nosso colega «Ecos de Belém».



Grupo Rainha D. Leonor

No dia 9 do corrente, esta Companhia de Guias teve a sua reunião geral, durante a qual foi lida uma expressiva mensagem de Natal de Claire Ardente, pseudónimo de uma ilustre comissária guia unionista de França, actualmente residindo no Norte de África, na qual expressa a sua amizade pelas guias portuguesas e se refere ao significado cristão do Natal.

No mesmo dia, foi promovida ao posto de Guia do Grupo a chefe da equipa «Amor Perfeito», Eunice Prazeres Soares, que fica a auxiliar as chefes na condução da Companhia.

Para chefe desta equipa foi promovida a guia Clementina Tavares.

• • o • •

Escoteiros Doentes

Têm-se-nos dirigido, ùltimamente, alguns escoteiros, internados em hospitais, que nos pedem o «Sempre Pronto». Temos muito prazer em anunciar que enviaremos, gratuitamente, o nosso jornal a todos os escoteiros que se encontram internados nos hospitais ou sanatórios, durante o tempo que aí permanecerem e desde que no-lo solicitem.



António Castro Lobo de Carvalho

Faleceu no dia 23 de Janeiro último, realizando-se o seu funeral no dia seguinte para o Cemitério da Ajuda, este nosso dedicado amigo, chefe administrativo do Grupo n.º 79, das Necessidades, Lisboa, pai do respectivo Escoteiro-Chefe, sr. Fernando de Carvalho, e tio do nosso dedicado assinante e antigo-escoteiro sr. José de Carvalho.

O finado era um dos mais antigos escoteiros de Portugal, pertenceu aos Adueiros de Portugal e ao Grupo 2. Afastado do Movimento por diversas vezes, sempre que o Grupo 79 se encontrava em crise, acorria a dar-lhe a mão e, assim, pode afirmar-se que esta unidade existe graças à muita dedicação do Chefe Lobo de Carvalho. Dotado de muito tacto administrativo, probo, por mais de uma vez levantou e consolidou as finanças do grupo, ùltimamente chefiado pelo seu filho.

«Sempre Pronto», que tinha em Lobo de Carvalho um bom colaborador, fez-se representar no funeral pelo filho do seu Director e apresenta sentidas condolências a toda a família enlutada, particularmente dos nossos amigos srs. Fernando e José de Carvalho.

José Fragoso Bernardino

No dia 19 de Janeiro passado, em Alcácer do Sal, faleceu repentinamente este noso dedicado assinante, membro activo da Comissão Organizadora do Grupo de Escoteiros daquela localidade, que à causa escotista vinha prestando bons serviços, sendo a sua morte muito sentida por todos os membros daquele grupo em organização.

«Sempre Pronto» apresenta as mais sentidas condolências a sua viúva, sr.ª D. Adélia Ramos Bernardino e as suas filhinhas.

Dos amigos do "SEMPRE PRONTO"

De Luto—Pelo falecimento de sua avó, sr.ª D. Maria da Conceição da Costa Lemos, que, com a provecta idade de 99 anos, foi chamada para Deus em 26 de Dezembro último, encontram-se de luto os nossos estimados amigos srs. dr. Leopoldo de Figueiredo e João Pedro de Figueiredo, a quem apresentamos condolências sentidas.

● Também se encontra de luto, por falecimento de sua sogra, ocorrido em 26 de Janeiro passado, o nosso dedicado assinante e antigo-escoteiro sr. Guilherme Neves, a quem, bem como a sua Esposa, apresentamos sentidas condolências.

● Por falecimento de sua avó, também se encontra de luto o nosso amigo Sr. Idílio de Oliveira Gonçalves, chefe do grupo «Pedro Álvares Cabral», a quem apresentamos os nossos sentidos pêsames.

Doentes—Encontra-se já em sua casa, embora ainda em tratamento, a chefe de alcateia do grupo 94, Sr.ª D. Gina Saraiva, que em virtude de uma queda tem estado internada no Hospital de S. José. Desejamos-lhe um pronto restabelecimento.

• • o • •

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

MÁQUINAS DE ESCREVER,
SOMAR E CALCULAR
NOVAS E USADAS

PARA TODOS OS FINS E
PARA TODAS AS BOLSAS

FACILIDADES DE PAGAMENTO

OFICINA DE REPARAÇÕES

PESSOAL ESPECIALIZADO
ORÇAMENTOS GRÁTIS

QUINTINO, L.DA



RUA DA PRATA, 141, 2.º
TELEF. 36 73 73
LISBOA

NOVOS LIVROS

RAIDERS SCOUTS, de Michel Menu, muito ilustrado, o manual francês do movimento «raiders», a especialização do escotismo que está constituindo um êxito naquele país ..... 70$00

DEVENEZ CHEFTAINE DE LOUVETEAUX, de Cathise de Bourgoing, um apelo ao trabalho com os lobitos 20$00

O SISTEMA DE PATRULHAS, a tradução portuguesa da notável obra de Rolande Philipps, das edições «Flor de Lis» ..... 5$00

Pedidos à Redação do «Sempre Pronto», pelo correio ou pelo Tel. 63 66 07

22 DE FEVEREIRO

Aniversário de Baden-Powell

Sessão comemorativa do Dia do Pensamento e abertura dos Trabalhos da **II Reunião-Geral de Escoteiros-Chefes Evangélicos.** Conferência pelo Sr. Joel Ribeiro sobre «o Pensamento de Baden-Powell».

Às 21.30 horas.

Na Sede da Juventude Evangélica Portuguesa
Avenida de D. Carlos I, 35—3.º D.º—LISBOA